

A MEMÓRIA E A RESISTÊNCIA EM EDUARDO GALEANO

JÉSSICA FERREIRA¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre as principais concepções de memória e história até as mudanças desencadeadas a partir da segunda metade do século XX. A partir daí, traçar um paralelo entre o papel fundamental da memória nas obras do escritor uruguaio Eduardo Galeano e seus possíveis efeitos e contribuições para a irrupção das narrativas “dos vencidos”, como denominou Walter Benjamin. Utilizando contribuições de Benjamin e Pollack, é traçada uma relação entre as obras de Galeano e o papel da arte no resgate de memórias soterradas e negligenciadas, para que a análise histórica ganhe outras camadas, percorrendo outros caminhos que não o da “história oficial” dos vencedores, como também denominou Benjamin. A obra de Galeano nos provoca a pensar os limites entre a realidade e a ficção no resgate e preservação de memórias/narrativas até então marginalizadas.

PALAVRAS-CHAVE: História; memória; Galeano; literatura; Benjamin.

ABSTRACT

This work aims to discuss the main conceptions of memory and history until the changes triggered from the second half of the twentieth century. From there, a correspondence is traced between the fundamental role of memory in the works of the Uruguayan writer Eduardo Galeano and its possible effects and contributions to the irruption of the narratives “of the vanquished”, as denominated by Walter Benjamin. Using contributions from Benjamin and Pollack, a relationship is drawn between Galeano's works and the role of art in the rescue of buried and neglected memories, so that new layers are added to the historical analysis, following paths other than the "official history" of the winners, as Benjamin designated it. Galeano's work provokes us to think about the limits between reality and fiction in the rescue and preservation of memories/narratives until then marginalized.

KEYWORDS: History; memory; Galeano; literature; Benjamin.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: tessiuabc@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A memória é um conceito bastante abrangente, pode-se falar sobre ela a partir de diferentes perspectivas, assim como utilizando distintas abordagens teóricas. Possui ainda uma dimensão que não é apenas pessoal e individual. Memórias podem moldar a maneira como processos políticos, sociais e históricos acontecem. Isso posto, a maneira como determinadas memórias serão ouvidas, registradas, preservadas ou não, terá forte influência na vida social e na realidade concreta. A partir da segunda metade do século XX, muitas questões emergiram na sociedade e na ciência para serem pensadas e repensadas. Até aquele momento, a História era lida de maneira essencialmente positivista, de maneira linear e abarcando as ideias de evolução e progresso. Essa noção de História também parte de princípios como a neutralidade do historiador, a construção de uma história universal, a objetividade narrativa. Com as rupturas ocorridas nesse século, essa ciência também passa por reformulações e novas reflexões são inauguradas.

Com as mudanças decorrentes principalmente a partir da metade do século XX, começam a surgir outras noções sobre memória e história. Walter Benjamin (1987) defendeu que, no historicismo, o historiador acaba por negligenciar o presente, o que pode levar a uma identificação com o vencedor, em detrimento dos vencidos. O autor insiste em uma necessidade de formulação da história dos vencidos. Nesse sentido, emerge o interesse pelo depoimento, pela narração pessoal, pelas biografias e pela história oral. Especialmente após o Holocausto, a importância do testemunho se faz presente na investigação histórica.

A literatura também é uma potente fonte de memórias que influenciam na construção da história, apesar de não ter caráter científico. Também pode ser fonte de relatos, acontecimentos e denúncias de fatos que permearam um indivíduo, um grupo social, uma nação ou um continente inteiro. Eduardo Galeano (1940-2015), nascido em Montevideo, foi um escritor fundamental, que fundia gêneros literários em suas obras e fazia de suas memórias (e das memórias alheias) sua matéria prima para a criação. Galeano trazia à tona, principalmente, a voz dos esquecidos, aqueles aos quais Benjamin chamaria de “os vencidos”, fazendo quase sempre, um recorte na trajetória da América Latina.

As obras “O Livro dos Abraços” (1989) e “Dias e Noites de Amor e de Guerra” (1978) são grandes provas de que a memória voraz pode fazer nascer potentes relatos e denúncias sobre a realidade e sobre seus quadros mais brutais, mas que também resgata as pequenas e grandes belezas e potências do cotidiano e das relações humanas. Na folha de rosto de “Dias e Noites de Amor e de Guerra” temos uma pequena nota que também soa como um aviso do que virá: “Tudo o que aqui é contado aconteceu. O autor escreve tal como a memória guardou. Alguns nomes, poucos, foram mudados. (Calella de la Costa, agosto de 1977)”. Reforço que esse breve ensaio não tem como

objetivo produzir uma crítica literária ou analisar os pormenores técnicos das obras, mas traçar um paralelo entre memória, realidade, história e arte como instrumento de resgate e resistência.

OS EMBATES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

Como dito anteriormente, a memória e a história podem ser concebidas e analisadas através de diferentes perspectivas e noções teóricas e práticas. Muitos autores discorreram sobre suas concepções de memória e história e sobre o que as diferenciava.

A partir dos anos 1960, principalmente, a memória começa a emergir como uma possibilidade de se analisar a história e ganham força o relato oral, o depoimento, as biografias anônimas e os testemunhos. Nesse sentido, pode-se retomar algumas contribuições de Walter Benjamin (1987), que chamou a atenção para a necessidade de uma reformulação da análise histórica, já que para o autor, no historicismo, o historiador acaba por negligenciar o seu presente e tem dificuldades para realizar qualquer autocrítica ou estabelecer relação com o passado. Tal prática pode levar, quase sempre, o historiador a se identificar com “os vencedores”. Apesar disso, Benjamin (1987) propõe que se escreva a História dos vencidos. De fato, esse é um processo complexo, Benjamin nos deixa mais provocações do que respostas, mas pode-se dizer que dessa forma, o autor propõe que olhemos para o passado com o desejo de interferir no presente e possivelmente, no futuro.

Benjamin ressalta ainda a importância da experiência no percurso histórico: para o autor, a ação de “jornadear” permite que pessoas acumulem dados que estarão presentes em suas memórias. Outro conceito importante que esbarra no processo de “jornadear”, é a ideia de narrador, o qual o autor caracteriza como sendo aquele que transmitirá suas experiências e as passará adiante. Aqueles que “jornadeiam” podem se tornar potentes narradores da realidade, ou melhor, das múltiplas realidades do mundo.

Assim, a memória tem papel fundamental na construção da história dos vencidos, principalmente quando levamos em conta o fato de que, na escrita da história oficial, muitos relatos, vivências e fatos foram negligenciados a despeito de uma narrativa que contemplou apenas a memória dos ditos “vencedores”. Muitos grupos sociais tiveram suas memórias soterradas e deixadas de lado, o que não contribui para que a narrativa histórica seja plural e justa. Diante desse cenário, a narração adquire um papel importante, o testemunho passa a ser visto como uma fonte para a verdade, para a justiça e para a reparação diante de fatos históricos catastróficos. Esse fato não esteve ileso de críticas².

² Sobre as críticas ao revisionismo, cf. Pierre Vidal-Naquet, VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**. Tradução de Marina R. IANDE – CIÊNCIAS E HUMANIDADES. SÃO BERNARDO DO CAMPO, V. 6, N. 1. P. 78-86, JULHO/2022

A DENÚNCIA EM EDUARDO GALEANO OU O QUE A HISTÓRIA DEIXOU DE FORA

Ambas as obras tratadas neste ensaio (“O Livro dos Abraços” e “Dias e Noites de Amor e de Guerra”) foram escritas durante uma época de intensas transformações e processos sociais, políticos e econômicos na América Latina e também no resto do mundo. O autor cria um grande mosaico de gêneros literários utilizando a crônica, o conto, o ensaio e textos jornalísticos e históricos para narrar acontecimentos que perpassaram a sua vida de alguma forma durante esse período. Apesar de os livros carregarem em suas páginas de *copyright* a classificação “I. Ficção uruguaia”, cada texto presente denuncia, de alguma forma, um cenário político-social no qual o autor viveu de fato. Fica evidente nas obras de Galeano a sobreposição de camadas. Nos informa, ao mesmo tempo que nos provoca e nos comove.

Entre as décadas de 1960 e 1980, principalmente, diversos países da América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai) enfrentaram árduos e penosos anos de ditaduras militares que perseguiram, encarceraram, mataram, sequestraram e censuraram milhares de civis. Os regimes ditatoriais culminaram de processos complexos e intensos de disputas políticas e econômicas. Não chegaram ao fim sem deixar resquícios altamente danosos nas sociedades latino americanas até os dias atuais. Alguns países, como o Brasil, ainda lidam com as sequelas de seus anos de ditadura até hoje, especialmente com a ascensão de governos da extrema direita. Inclusive, a maior parte dos líderes militares nunca sequer foram punidos ou condenados em todos esses países, e o soterramento de memórias ao longo da história tem influência direta sobre isso.

A denúncia de Galeano não diz respeito apenas aos processos violentos que viveu (e vive) a América Latina, mas expõe com delicadeza outras nuances da vida. O autor denuncia o sistema capitalista, suas crueldades e contradições, a elitização e a influência norte americana, o colonialismo, a influência da mídia e da imprensa na manipulação de informações e na educação de um povo, mas também, com muita poesia e lirismo, Galeano faz coexistir todas essas denúncias com memórias de pessoas queridas, amigos, filhos, amantes, lugares, relatos de amor, saudade, sonhos e pequenas (grandes) alegrias encontradas nos escombros do cotidiano. Essa dualidade de sua obra fica evidente no texto a seguir encontrado em “O Livro dos Abraços”:

Crônica da cidade de Santiago

Santiago do Chile mostra, como outras cidades latino americanas, uma imagem resplandecente. Por menos de um dólar por dia, legiões de trabalhadores lustram a

Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1988. Vidal-Naquet criticou a prevalência da narrativa na construção do discurso histórico, afirmando que tal prática pode desencadear o risco do Relativismo Radical ou do Revisionismo, criando uma confusão entre a narração histórica e a criação literária.

R. IANDE – CIÊNCIAS E HUMANIDADES. SÃO BERNARDO DO CAMPO, V. 6, N. 1. P. 78-86, JULHO/2022

máscara da cidade. Nos bairros altos, vive-se como em Miami, vive-se em Miami, miamiza-se a vida, roupa de plástico, comida de plástico, gente de plástico, enquanto os vídeos e os computadores domésticos se transformam em perfeitas contrassenhas da felicidade. Mas os chilenos são cada vez menos, e cada vez são mais os subchilenos: a economia os amaldiçoa, a polícia os persegue e a cultura os nega. Alguns viram mendigos. Burlando as proibições, dão um jeito para aparecer debaixo do sinal fechado ou em qualquer portal. Há mendigos de todos os tamanhos e cores, inteiros e mutilados, sinceros ou fingidos: alguns, na desesperação total, caminhando na beira da loucura; e outros exibindo caras retorcidas e mãos trêmulas graças a muito ensaiar, profissionais admiráveis, verdadeiros artistas do bom pedir. Em plena ditadura militar, o melhor dos mendigos chilenos era um que comovia dizendo num lamento: - Sou civil (GALEANO, 1989, p. 33).

A literatura de Galeano está debruçada sobre o real, sobre o cotidiano, sobre pessoas reais e, apesar de estar recortada em determinado contexto no qual o autor viveu, torna-se atemporal, pois preserva memórias individuais e coletivas e permite que estas atravessem o tempo e o espaço, além de ressaltar, infelizmente, como a História tende a se repetir. Em entrevista dada para NSC Total em outubro de 2008, o autor faz as seguintes falas:

Fui um péssimo estudante de história, e os museus me aborrecem. Me apaixonava, isso sim, a realidade, com suas histórias secretas, suas zonas invisíveis que escondem as pequenas coisas da vida cotidiana. E isso vale para o presente e para o passado. E vale para a realidade desperta e para a realidade adormecida, ou que acontece enquanto dorme e tem sonhos e pesadelos (GALEANO, 2008).

É ela, não sou eu. Ela, a realidade, é que me oferece essa poesia. Eu a traduzo, trabalhando duro para ser digno de sua capacidade de ser bela. E encontro a mais alta beleza na lixeira da história, ali onde repousam os desdenhados, os ninguém, os que têm voz mas não são ouvidos. Elas e eles são os que fulguram com as luzes mais deslumbrantes no ignorado arco-íris da terra (GALEANO, 2008).

Pescando da realidade a sua matéria prima, o autor utiliza a literatura e a criação artística para fazer emergir outras vozes que foram suprimidas pela História, pelo historicismo do qual Benjamin nos alerta. É possível retomar o conceito de experiência de Benjamin, no qual o autor atribui à experiência o processo de “jornadear”, a partir daí são acumulados dados que estarão presentes na memória. A experiência é feita no real, na concretude da realidade. Dessa forma, considerando as experiências vividas por diferentes indivíduos, que de alguma forma contribuíram para a criação literária de Galeano, é possível perceber em suas obras o que Benjamin chamou de fusão entre o passado individual e o passado coletivo, entre a memória voluntária e a memória involuntária.

Ademais, é possível associar a figura de Galeano com a figura do narrador, que Benjamin conceitua como sendo aquele ou aquela que será responsável pela transmissão das experiências, das memórias. A figura do narrador traz as noções de alguém que promove o intercâmbio de experiências a partir da realidade, que possui conhecimentos adquiridos no real, e que dispõe de uma natureza artesanal. Nas obras de Eduardo Galeano, as narrativas são costuradas a partir dessa artesanaria entre o narrador e a vida humana, entre a banalidade, o pequeno, para falar de esferas

muito maiores da sociedade e do mundo. O resgate desse passado soterrado “escreve” na história uma nova experiência para diversas pessoas e grupos sociais até então marginalizados. Benjamin traz à luz a necessidade de uma busca e de um resgate do esquecimento, para que a lembrança trazida à tona não seja apenas lembrada, mas seja trabalhada e libertada.

Em suas obras, o escritor uruguaio não nos oferece respostas, nem mesmo perguntas. Essas ficam a critério da leitora e do leitor. Certamente Galeano não é um historiador, o que este tem a nos oferecer são os relatos, as vozes, as figuras, os lugares, os pequenos e grandes acontecimentos, as denúncias. A partir daí, ocupa muito mais o lugar de narrador da história, como aquele que relata, através de suas crônicas, do que o lugar de escritor da história, daquele que explica, enquanto historiador.

SOBRE QUEM E PARA QUEM ESTÁ SENDO FALADO?

É notável que Galeano escolhe para serem “personagens” centrais de seus livros, aqueles e aquelas que de alguma forma estavam à margem diante de um poder dominador central. Ou seja, é dado espaço para que índios, negros, mulheres, crianças, trabalhadores, operários, artistas, militantes políticos, mendigos, pobres, pessoas comuns, existam e tenham precioso valor dentro do imaginário e dentro da realidade de quem o lê.

Em “O Livro dos Abraços” há uma série de textos com o título “Dizem as paredes”. Estes pequenos textos trazem frases escritas em muros de algumas cidades que o autor visitou. Frases de amor, de oposição ao regime militar, de repúdio ao governo, de saudade ou com tons humorísticos e sarcásticos. Não sabemos quem foram as autoras ou autores de tais frases, porque uma pintura em um muro da cidade é efêmera, pode desaparecer com o tempo, com a chuva, com o desgaste, ou apenas ser coberta por uma ou duas demãos de tinta. Porém, o que Galeano faz é eternizar também essas vozes da cidade, do povo, que, escritas em seus livros ficam registradas para sempre, dando voz eterna a esses e essas civis que estamparam a história também nos muros e paredes, na materialidade do espaço. Aqui há uma outra camada na obra do autor, que resgata, por meio da literatura, intervenções informais no espaço, no território, as quais evidenciam o contexto daquele tempo, das relações predominantes, e o mais impressionante: que muitas vezes fazem sentido para o nosso tempo.

Dizem as paredes/ 4

Em pleno centro de Medellín: A letra com sangue entra. Embaixo, assinado: Carrasco alfabetizador.

Na cidade uruguaia de Melo: Ajude a polícia: torture-se.

Num muro de Masatepe, na Nicarágua, pouco depois da queda do ditador Somoza: Vão morrer de saudades, mas não voltarão (GALEANO, 1989, p. 207).

O mais interessante, dentre muitos aspectos, é que um indivíduo nunca está isolado de tantos outros, de um contexto, de um país, de uma cultura, de um tempo e de um espaço. A história é feita em camadas. Todos nós estamos submetidos a determinadas externalidades que permitem que nossas memórias sempre se cruzem com outras, formando um mosaico que fala do que é ser humano, que denuncie as atrocidades e fale em nome dos invisibilizados, que dê voz aos mortos.

Cabe citar as contribuições de Michel Pollack, que defendia que através da história oral, como uma opção metodológica, a voz e a memória dos excluídos, marginalizados e negligenciados, poderia reverberar em uma nova construção histórica. Quando Galeano recolheu centenas de histórias e experiências extraídas da realidade, certamente o autor não tinha intenções metodológicas, mas de alguma forma, realizou o movimento de resgate e colocou memórias soterradas em disputa. Por meio da irrupção, do silêncio e da revolta, Pollack (1989) afirma que lembranças reprimidas podem vir à tona, inclusive através de “estruturas de comunicação informais”. Talvez, a prática da escuta e da troca das experiências vividas por Galeano, junto a outros atores e agentes que contribuíram com suas obras, constitua uma rede de comunicação informal, onde histórias e relatos são transmitidos e preservados através da oralidade.

O que sabemos, de maneira geral, através da chamada “história oficial”, sobre a trajetória de nosso continente e dos processos que marcaram com sangue e suor o seu desenvolvimento até os dias atuais, ainda é insuficiente e precário. Ainda não dá conta de abarcar a totalidade e complexidade dos fatos, a pluralidade de indivíduos, e muito menos de estabelecer uma análise justa, que permita um processo de transição genuíno e verdadeiro, que atribua as devidas responsabilidades aos que massacraram povos e nações, e aos que ainda perpetuam discursos e práticas de ódio e opressão. Quando a literatura contribui de alguma maneira para reavivar essas memórias e colocar em evidência as narrativas dos vencidos (na perspectiva benjaminiana), elas impõem, de alguma forma, como diz Pollack (1989), a reinterpretação do passado e da “memória oficial”.

CONCLUSÃO

A história, que não é homogênea e linear, como algumas correntes insistiram em salientar, assim como outras esferas do conhecimento, falhou em evidenciar e equilibrar narrativas ao longo da história das nações e da sociedade. O que conhecemos hoje, são fragmentos de nossa história e de outras partes do mundo, de outros povos e indivíduos. É urgente a tomada de narrativas, como evidenciou Benjamin, é preciso que outras vozes sejam resgatadas do passado, que estejam vivas no presente e que contribuam para a construção do futuro.

A memória, da maneira que foi abordada neste trabalho, estabelece limites e variáveis para que fatos e períodos históricos ganhem outras perspectivas de análise e elaboração. Somente a partir do reconhecimento de determinadas memórias soterradas e negligenciadas, poderemos vislumbrar um processo que envolva alguma justiça de transição, com todas as suas etapas essenciais, de verdade, reparação e reconciliação.

Dito isso, a obra de Eduardo Galeano, que além de jornalista e escritor, também foi um militante político, que inclusive, escreveu parte de seus livros no exílio, traz contribuições para o processo de obtenção de uma experiência histórica, como chamou Benjamin (1987). A memória comum compartilhada por centenas de milhares de povos suprimidos na América Latina, pode ser capaz de ligar o passado ao presente e nas palavras de Gagnebin (1993) “inscrever em nosso presente o apelo por um futuro diferente”.

De fato, Galeano não desempenha um papel científico e não pretende escrever a história enquanto historiador, mas através da exaltação, valorização e resgate da memória de pessoas comuns, narradas em determinados espaços e tempos, o autor potencializa o aspecto inacabado da história. Ressalta ainda o caráter heterogêneo e não linear dos processos que envolvem a construção histórica de um país, de um continente, com semelhanças profundas, mas com particularidades específicas. Por fim, a criação artística cumpre nas obras de Galeano um papel não só literário, mas se torna uma ferramenta política e social, a partir de recortes da realidade, que nos convida a deslocar o olhar para a diversidade e para o reconhecimento. A arte atrelada à memória concreta não é uma produção imparcial, como as narrativas dominantes ditas imparciais também não o são. A diferença é que ao contrário do discurso histórico imposto, essas obras abordam discussões, atores, espaços e recortes que nos provocam a pensar um discurso histórico mais plural e justo.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura, obras escolhidas, 3. edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, v. 1.

Canal Brasil. **Eduardo Galeano Sangue Latino**. 09 jan. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=47aFAIDierM>. Acesso em: 22 ago. 2020.

Câmara dos Deputados. **Entrevista com o escritor uruguaio Eduardo Galeano**. 02 abr. 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/454209-entrevista-com-o-escriptor-uruguaio-eduardo-galeano/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, Escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin**: os cacos da História. 2. edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

GALEANO, Eduardo. **Dias e Noites de Amor e de Guerra**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2001.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2005.

COGGIOLA, Osvaldo. **O ciclo militar na América do Sul**. Blog da Boitempo, 23 mar. 2014. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/03/24/o-ciclo-militar-na-america-do-sul/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

NSC, Redação. Eduardo Galeano: "Me apaixona a realidade, com suas histórias secretas e suas zonas invisíveis". **NSC Total**, 2008. Disponível em: <https://www.nscototal.com.br/noticias/eduardo-galeano-me-apaixona-a-realidade-com-suas-historias-secretas-e-suas-zonas>. Acesso em: 25 ago. 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

ROSSI, Marina. Eduardo Galeano: "Eu não leria de novo 'As Veias Abertas da América Latina'". **El País**, 04 maio 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/04/cultura/1399232315_232658.html. Acesso em: 23 ago. 2020.

USP. **Memória e Resistência**, [s.d.]. Disponível em: http://www.usp.br/memoriaeresistencia/?page_id=8. Acesso em: 25 ago. 2020.